

## CARNAVAL, CINZAS

*Por Cláudio Portella*

17.02.96

Toda relação conjugal consiste em: você se vender ou comprar alguém.  
Constatar esse fato me deixa triste. Tenho ficado triste muito facilmente. Pronunciado assim soa estranho. Mas é isso que vocês ouviram.  
Ou você se vende ou compra alguém.

18.02.96

Você é o meu coração pintado. O que tem pintado de curtição! De baratismo!  
Mas entre uma felação e outra, sobra tempo para conversar. Para destilação de cultura inútil. Para o “to make short a long story”.

### **O que consegui lembrar**

Estou me apaixonando. Voltando atrás. Sinto-me à vontade demais. Muito descontraído. Com mulheres jamais me senti assim. Era preciso satisfazê-las. Tinha que dar tudo e me contentar com nada. Mulheres querem ser cuidadas. Homens cuidam. Estou me apaixonando. Homens cuidam. Estou me apaixonando por Caio. Homens cuidam. Ele me dá tudo e não cobra nada. Eles se dão como elas deviam se dar. Agora percebo que só o homem é capaz de amar o homem. Só se ama o que se respeita. E é exatamente essa a diferença entre o amor de um homem e o de uma mulher. O respeito. Não se ama o que não se respeita. E mulheres não respeitam homens, temem.

### **Carnaval**

Como estabelecer uma ordem do que faço no carnaval? Sempre tive mania de relacionar os fatos, de querer desvendar os acontecimentos, esmiuçar a cena até o fim. Todavia, nesse carnaval, cenas surpreendentes acontecem. Mas não me interessam. Devo ficar tão perplexo que minha reação é extasiante. Ou então devo estar sempre bêbado para fazer relações. Só me resta fazer uma lista do que mais faço neste carnaval.

Como Cassandra  
Fumo

Tomo café  
Bebo  
Assisto televisão  
Leio “Eu sei que vou te amar” de Arnaldo Jabor  
Escrevo

### **Nem todo anjo é terrível**

Há horas estamos grudados. Nossas bocas unidas sussurram mentiras mútuas.

- Diz que você é o meu homem.
- Eu sou seu homem.
- É sim. Você é o meu macho, meu marido, meu namorado...

As armas caem por terra, à medida que grudamos um no outro, e matamos o medo, e afrontamos o preconceito. Tudo se torna leve, a partir do momento que fica claro que esse “tudo” tem sua hora. E há horas estamos grudados. Meu pênis, seu ânus e o gel lubrificante formam um triângulo equilátero. Mas, mesmo assim, nossas bocas unidas continuam a sussurrar.

- Diz que me ama. Diz.
- ...
- Fala!
- ...
- Vamos! Diz.
- Eu...
- Fala!
- ...Amo
- Fala seu veado!
- ... ..Você.

### **Cinzas**

- Você é minha?
- Até você enjoar.
- Eu não vou enjoar nunca.
- Não sabe o bem que faz ouvir isso.

- Sei, sim
- Então fala que sou sua mulher, a sua mulherzinha.
- Minha mulherzinha, minha vaca, minha putona.
- Sou. Sou. Sua. Inteirinha.
- Vamos parar com esse papo.
- É só fantasia, bobinho.
- Sei.
- Então?
- Então o quê?
- Você é meu?
- Não!
- Isso. Assim. Maltrata. Me chama de bicha safada.
- Bicha safada.
- Isso. Agora de veado escroto.
- Veado escroto.
- De traveca fuleragem.
- Chega! Tá enchendo o saco.
- Desculpa.
- Não precisa pedir desculpa.
- Precisa. Quando estou apaixonada me deixo levar. Fico grudenta.
- Não é isso. O clima tá muito possessivo.
- E daí?
- Tenho medo.
- Medo ou dúvida?
- Do que você está falando? Dúvida de quê?
- De não ser homem. Não ser macho.
- O que é isso aqui? Seu traveca fuleragem.
- Eu também tenho pau. Ó. Ó.
- Tira esse pau de perto de mim.
- Um pau não faz de você um homem.
- É. Sei.
- De que tem medo então?
- Do meu pau. De não saber o meu papel na cama. De me tornar passional.
- Não vamos intelectualizar nossa cama. Você é meu homem e eu sou sua mulher.
- Não quero você como mulher.
- Desculpa. Eu já devia saber...
- Não precisa pedir desculpa. Porra!

- Desculpa.
- Quero você como gente. Com todos os defeitos possíveis. Quero possuir você como homem. Mas, acima de tudo, quero lhe currar como gente.
- Não tenha medo. Você é o meu, e eu sou o seu.

## **A linha**

Vejo passar uma linha ao meu lado, do seu lado, sobre os oceanos, continentes e padrões sociais. A linha que divide comportamentos. “Comportamentos estranhos”, tão avessos que precisam ser definidos. A sociedade obriga entendimento. Clama por preconceito. A única linha benquista é a do equador. Passou dessa linha é misantropia. O que dizem os antropólogos? Uma forma de controle populacional? Não existe veado chinês? Ou falta de vergonha na cara? Safadeza mesmo? Porém a linha não é apenas metafórica, ela vira corda e estrangula o real. Sufoca até mesmo quem se apegue a ela para sair do labirinto, depois de ter matado o Minotauro. Do que eu estou falando? Eu estou falando do meu amor de carnaval.

## **O “Eu” falando com o “Mim”**

Rios derramam-se sobre lençóis. Olhos. Embarquei em mais uma relação, é preciso. Precisamos. Precisamos ir mais longe que esse legado de acordos. Será? Será? Talvez? Contudo? Porém? Será que devo esbofeteá-la? “É só fetiche bobinho”. Entre quatro paredes tudo é permitido. Viver é permitido. Provas de amor são para provar. Para revelar carinho e afeto. Carinho e afeto. Carinho e afeto. Afeto e carinho. Palavras... palavras bobas, melosas, açucaradas. Prefiro a palavra escândalo! Porque é escândalo, ter prazer em lambuzar todo o seu rosto com porra, e regar seu corpo com urina. Regar seu corpo com mijo. Para fecundar minha alma, para fazê-lo florir, para que ovule e sintase embuchado, para, para... para? Para o cheio, para o vazio, para nada. E, enquanto mijo em cima dele, lembro do que ele disse na Segunda-feira de carnaval:

“Você é só o alvo, o bom é o que eu sinto por você.”

Qualquer vagabundo me possui, mas só você goza na minha alma

- Por três razões me prendo a você.
- Quais?
- Porque meu espírito anseia, minha cabeça concorda e meu corpo festeja.

Há rivalidade e proteção em toda relação. Porém flui uma calma entre eu e Cassandra que

me surpreende. Quando ela lê Bhagwan Shree Rajneesh (OSHO), em voz alta, desprende-se de mim um turbilhão de sensações antagônicas – não por gostar do OSHO, para ser sincero acha-o charlatão – o tom da sua voz é o que desperta tais sensações. Sinto vontade de plantar um cajueiro, mas relembro com nostalgia quando rodei a Transamazônica com um enorme sorriso na face. Sinto ânsias de ter um filho, contudo a ausência de um útero me entenece. Sinto-me pronto a escrever um romance, entretanto sua voz de santa aplaca todo o meu ímpeto literário. Sua voz é como uma onda que me envolve por inteiro – cabeça, tronco e membros – uma onda sonora. Um canto. Uma oração. O cantar da sereia, que me arrasta para o fundo. Que me arrasta para o fundo. Me arrasta para o fundo. Arrasta para o fundo. Para o fundo. O fundo. O fundo de mim...

---

**CLÁUDIO PORTELLA** (CEARÁ). Escritor, poeta, crítico literário e jornalista. Autor dos livros *Bingo!* (2003), *Melhores Poemas Patativa do Assaré* (2006; 1ª Reimpressão, 2011), *Crack* (2009), *fodaleza.com* (2009), *As Visceras* (2010), *Cego Aderaldo* (2010), *o livro dos epigramas & outros poemas* (2011) e *Net* (2011). Colabora em importantes jornais, revistas e sites do Brasil e do exterior.